

**DA REVOLUÇÃO HAITIANA AO
CAPITALISMO RACIAL:**

a atemporalidade das práticas de resistência à
opressão em *Rituals, Runaways, and the Haitian
Revolution*

**FROM THE HAITIAN REVOLUTION TO
RACIAL CAPITALISM:**

the timelessness of resistance practices against
oppression in *Rituals, Runaways, and the Haitian
Revolution*

RAFAEL LIMA IAMPOLSKY¹

Data em que o trabalho foi recebido: **22/08/2024**

Data em que o trabalho foi aceito: **14/10/2024**

¹ Graduando em História pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: rafael.iampolsky@usp.br

DA REVOLUÇÃO HAITIANA AO CAPITALISMO RACIAL:
a atemporalidade das práticas de resistência à opressão em *Rituals*,
Runaways, and the Haitian Revolution

RESUMO

Tendo como objeto de análise a obra *Rituals, Runaways, and the Haitian Revolution: Collective Action in the African Diaspora*, escrita no ano de 2021 pela Professora Assistente de Estudos Africanos na Universidade da Carolina do Norte, Crystal Nicole Eddins, a presente resenha focaliza a forma pela qual a autora tratou, em seu texto, do papel e da importância da emergente solidariedade racial entre africanos e crioulos para com o sucesso da Revolução Haitiana. A defesa de que as comunidades maroon e o culto de rituais sagrados desempenharam um papel central no processo de conquista de soberania do Haiti é o que sustenta, na sua tese, o desafio à ideia de que a Revolução Francesa foi o grande e principal impulsionador da insurreição haitiana. Assim sendo, a obra de Eddins faz-se indiscutivelmente relevante para o debate historiográfico, principalmente no que diz respeito à descolonização no conhecimento sobre o tema.

Palavras-chave: Resenha. Revolução Haitiana. Resistência. Solidariedade racial.

FROM THE HAITIAN REVOLUTION TO RACIAL CAPITALISM:
the timelessness of resistance practices against oppression in *Rituals,*
Runaways, and the Haitian Revolution

ABSTRACT

Analyzing the work *Rituals, Runaways, and the Haitian Revolution: Collective Action in the African Diaspora*, written in 2021 by Assistant Professor of Africana Studies at the University of North Carolina, Crystal Nicole Eddins, this review focus on how the author addressed the role and significance of the emerging racial solidarity between Africans and Creoles in the success of the Haitian Revolution. The argument that maroon communities and the practice of sacred rituals played a central role in Haiti's quest for sovereignty underpins her thesis, challenging the notion that the French Revolution was the primary driving force behind the Haitian uprising. Therefore, Eddins' work is undeniably relevant to the historiographical debate, particularly concerning the decolonization of knowledge on the subject.

Keywords: Review. Haitian Revolution. Resistance. Racial solidarity.

Como tratar e entender a complexa relação entre o surgimento de um sentido emergente de solidariedade racial, fundamental para o sucesso da Revolução Haitiana, e a teia de relações sociais construída entre fugitivos africanos e crioulos através de rituais e comunidades *maroon*? A Professora Assistente de Estudos Africanos na UNC (Universidade da Carolina do Norte) de Charlotte, Crystal Nicole Eddins (2021), propõe uma reflexão sobre o tema no livro: *Rituals, Runaways, and the Haitian Revolution: Collective Action in the African Diaspora*. Natural de Ypsilanti, Michigan, Eddins tem como principais campos de pesquisa a diáspora negra/africana, a sociologia histórica e os movimentos sociais. Além disso, demonstra um interesse especial pelas formas com que as pessoas de ascendência africana, tanto no passado como no presente, se mobilizam em oposição aos regimes de opressão racial e de exploração econômica associados à economia global do capitalismo. Dessa forma, a autora debruça-se sobre o processo de surgimento de uma consciência coletiva entre as comunidades negras, atentando-se para o desenvolvimento dos movimentos sociais decisivos para o momento de conquista da soberania haitiana.

Primariamente, para que se possa compreender a análise proposta por Eddins em sua obra, é necessário definir o contexto histórico por trás de seu objeto de estudo. A autora trata, no livro, do período final do século XVIII, época em que o Haiti colonial (ou Saint-Domingue) era a colônia de escravos mais valiosa das Américas, apresentando-se como principal foco da produção açucareira mundial, além de desempenhar uma posição cada vez mais influente na produção de café. Nessa conjuntura, a sociedade de Saint-Domingue era essencialmente organizada ao redor do sistema escravista e, por consequência, a grande maior parte das instituições sociais funcionava em função da manutenção da impotência da população escravizada. Portanto, de modo mais abrangente, identifica-se como palco da pesquisa da obra o tráfico transatlântico de escravos para Saint-Domingue, com ênfase nas suas implicações para com o desenvolvimento da sociedade colonial haitiana.

Ademais, Saint-Domingue apresentava outra característica intrínseca à análise proposta no livro: era, entre todas as colônias de escravos, a mais mortífera e violenta. No mesmo sentido, a morte social dos trabalhadores era uma característica também comum às colônias açucareiras, de modo que as pessoas escravizadas no Haiti colonial

experienciaram uma alienação radical do seu valor de trabalho, da sua cultura e de suas identidades. Tendo isso em mente, Eddins sugere no livro uma curiosa questão: tendo em vista as formas radicais de tortura e violência aos quais os cativos eram submetidos, como é que eles foram capazes de organizar a rebelião de escravos mais bem sucedida da história moderna das Américas?

Para responder esse questionamento, a autora se posiciona em discordância da tese de que a Revolução Francesa, enquanto evento histórico, possibilitou e proporcionou a revelação filosófica em questão. Ao contestar a fatualidade dessa relação de causalidade, Eddins situa o próprio trabalho dentro de um corpo de investigação mais recente que começou a levar mais a sério as contribuições políticas e culturais das massas escravizadas. Assim, opta por centrar-se nas visões de mundo das pessoas de ascendência africana através da lente dos seus rituais sagrados pré-revolucionários. Essa é, portanto, a linha de raciocínio que leva à construção do argumento central da obra, marcado pela defesa de que, ao viabilizar a construção de uma teia de relações sociais entre africanos e crioulos (majoritariamente escravizados), as comunidades *maroon* e os rituais ocuparam um papel central no processo de conquista da soberania do Haiti.

Em relação à estrutura da obra, Eddins optou por dividir o texto em oito capítulos distribuídos por três partes principais. Essas seções, de forma interdisciplinar, se propuseram a investigar sistematicamente as formas pelas quais as pessoas escravizadas, por meio de suas ações coletivas, desafiaram de maneira consistente as estruturas de poder colonial antes da revolução. Pode-se dizer, então, que as partes da obra se complementam a fim de compreender e definir as formas pelas quais os cativos foram capazes de, por meio de suas ações coletivas anteriores à revolução, desafiar as estruturas de poder colonial.

O primeiro capítulo, desempenhando um papel introdutório para a discussão, trata essencialmente do fenômeno de tomada de consciência dos africanos em relação ao impacto da racialização e da mercantilização através do comércio francês de escravos. Nesse contexto, são citadas as primeiras manifestações dos cativos em contestação ao quadro que havia se instaurado, sendo a deixa que Eddins aproveita para citar alguns dos padrões de resistência africana que eram postos em prática anteriormente à chegada dos escravizados no Haiti colonial. Assim sendo, a autora constrói aos poucos sua tese já

aproveitando-se de uma das maiores virtudes da sua estratégia argumentativa: a rica utilização da literatura como fonte de investigação secundária.

A exemplo disso, o texto "The Kopjito or Queen Mother of Precolonial Dahomey: Towards an Institutional History", escrito pela africanista Edna G. Bay (1997), desempenha um papel crucial na pesquisa do livro por ser uma importante fonte de informações sobre a potência do Reino de Daomé (Kingdom of Dahomey). Utilizando o império em questão como exemplo de caso, Eddins busca entender a forma com que os africanos entendiam o tráfico de escravos e a própria escravidão nas plantações do novo mundo. Nesse sentido, a conquista e escravização do povo Arada presente no golfo de Benin, liderada pelos Daomé, corrobora a tese da autora de que enquanto os líderes africanos (como reis, rainhas e governantes) consolidavam o poder econômico e político por meio do tráfico de escravos, os mais vulneráveis adotavam diversos métodos para proteger uns aos outros do comércio de escravos.

Introduzido o debate, a obra avança em sua construção, abordando, no segundo capítulo, intitulado "*In the shadow of death*", a história de Saint-Domingue durante os estágios iniciais da colonização europeia. A ilha é descrita como um espaço que, desde a chegada dos primeiros africanos, em aproximadamente 1503, foi definido pela mercantilização humana e pela morte, o que explica o nome do capítulo. Assim sendo, Eddins discorre sobre as incontáveis dificuldades enfrentadas pelos cativos na rotina de trabalho inata à emergente economia açucareira escravocrata, destacando entre elas a falta de tempo para o culto de rituais sagrados. A parte correspondente ao primeiro terço do livro que tem seu fim no segundo capítulo é, portanto, marcada por uma reflexão sobre o mundo social e recreativo das pessoas escravizadas, com ênfase em suas criações espirituais e culturais. Em suma, essa escolha por parte da autora arremata, de maneira harmoniosa, a relação entre a diáspora africana enquanto fenômeno histórico e a embrionária sociedade escravista no Haiti colonial, introduzindo perfeitamente o tema que guia a segunda parte da obra: o surgimento de uma consciência coletiva entre as comunidades negras e os movimentos sociais relacionados a esse fenômeno.

Nomeada de "*Consciousness and interaction: cultural expressions, networks and ties, geographies and space*", a segunda parte do livro engloba do terceiro ao sétimo capítulo e, em conformidade com seu nome, tem como principal objeto de estudo o modo

pelo qual a consciência política foi infundida nas práticas ritualísticas para repudiar a violência inata à escravidão. Por ser a maior e mais teórica, essa seção do livro é a que melhor reflete as estratégias de investigação arquivística empregadas por Eddins, sendo, por conseguinte, a mais clara evidência da riqueza de seu estudo. Dessarte, percebe-se que para além do acertado e bem executado emprego da literatura como principal fonte historiográfica secundária, um grupo plural de fontes primárias inusuais (em função da escassez de fontes tradicionais) é outra virtude intrínseca ao livro, contando com documentos como: cartas de fazendeiros e funcionários coloniais relatando conflitos, decisões judiciais contra ritualistas e outros rebeldes, relatos de viajantes que descrevem a vida e as leis em Saint-Domingue e anúncios de escravos fugidos publicados nos jornais do Haiti colonial.

A importância de tal aspecto muito se relaciona com o objetivo central da obra que, ao tentar revelar a importância das contribuições culturais e políticas das massas escravizadas para a independência haitiana, constrói sua narrativa a partir de perspectivas tradicionalmente alheias ao processo histórico. Consequentemente, a tese de Eddins tem uma inevitável influência da “história vista de baixo” (*history from below*) enquanto corrente historiográfica, emulando uma perspectiva já explorada anteriormente por autores como Carolyn Fick (1990) e Jean Fouchard (1981). Tendo em frente esse complexo objetivo, a historiadora é consciente da importância de investigar acontecimentos de larga escala e de padrões de longa duração, mas não deixa de dar a devida atenção a eventos de menor porte. Assim, considerando a ambiciosa missão que Eddins se dispõe a enfrentar, a vastidão do repertório de fontes primárias da obra torna-se um fator definitivo para a corroboração de sua tese que, apesar de ter um ponto de partida historiográfico já explorado por outros historiadores renomados, é inovadora ao ponto de assumir uma inegável posição de destaque pela forma como é construída.

Apesar da vastidão de fontes primárias da pesquisa de Eddins, pode-se dizer que um grupo específico de documentos assume uma posição central nos quatro capítulos englobados pela segunda parte do livro: os anúncios de escravos fugidos publicados nos jornais de Port-au-Prince e Cap Français. Por carregarem importantes informações sobre o modo pelo qual os escravos e fugitivos foram capazes de construir redes politizadas de solidariedade (e, consequentemente, de resistência), tais referências são evidências

fundamentais sobre o fenômeno de politização dos espaços de convivência e sobre o papel dos artefatos culturais nos movimentos sociais. Entretanto, ainda que tal enfoque tenha sido uma escolha coerente, a estratégia escolhida pela autora nessa porção do texto apresenta alguns pontos frágeis que obviamente não invalidam, mas comprometem sua tese a nível argumentativo.

Nesse sentido, a vulnerabilidade fundamental da segunda parte da obra está diretamente associada a uma relativa parcialidade involuntária no processo de análise de dados, além de se mostrar ligeiramente repetitiva em alguns pontos. Apesar da tese defendida pelo autor de qualquer obra ser uma influência natural para a seleção de suas fontes primárias e secundárias utilizadas como referência, nota-se, na estratégia argumentativa de Eddins, uma tentativa incessante de comprovar o papel de centralidade das contribuições políticas e culturais dos cativos para a independência haitiana que, nesse caso, acaba agindo em detrimento de outros fatores também indispensáveis para a sua concretização. Em outras palavras, o papel de contestação que a tese de Eddins se presta a assumir para com a influência da Revolução Francesa sobre o processo de revelação filosófica dos cativos, apesar de extremamente válido e bem fundamentado, acaba por colocar em segundo plano a ação direta de agentes históricos essenciais para a Revolução Haitiana, como o próprio Toussaint L'Ouverture.

Há de se destacar, no entanto, que ao escolher essa abordagem a autora não nega objetivamente a influência dos fatores menos abordados em sua obra, apenas privilegia intencionalmente os fatos que corroboram a proposta inicial de sua tese. Era de se esperar, portanto, que os feitos de Toussaint não recebessem o mesmo destaque que receberam na obra *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*, de C.L.R. James (2010), que tinha como um de seus principais objetivos a interligação direta entre os ideais de ambas as revoluções, como atesta a passagem: “Não podemos entender a revolução de São Domingos se não a relacionarmos com a francesa” (JAMES, 2010, p.375). Dessa maneira, levando em consideração de forma objetiva o projeto de Eddins, o que resta a ser questionado é a implementação prática dessa linha de pensamento. Nesse quesito, como já antecipado, a ressalva entre tantas virtudes do livro é o fato de que sua argumentação específica e concentrada promove ao texto um aspecto relativamente repetitivo pois, na medida em que ele poucas vezes se permite fugir do tema central, dá a

impressão de que todas as evidências desembocam sempre no mesmo lugar: a comprovação da importância do sentido emergente de solidariedade racial para o sucesso da Revolução Haitiana.

Ultrapassando a fatia mais teórica e argumentativa do livro, a terceira e última porção é utilizada por Eddins para recapitular os tópicos discutidos e, assim, elaborar uma conclusão para o tema da relevância da ação coletiva no caso haitiano. Definindo-a como qualquer atividade que reúne pessoas para um objetivo comum, geralmente sendo ele a resolução de um problema, é tratada pela autora como o final último da tomada de consciência e logo, em suas próprias palavras, depende indiretamente de dois fatores: “a compreensão das desigualdades e injustiças em um contexto material e a existência de interesses comuns com outros que partilham a mesma posição” (EDDINS, 2021, p. 8)². Assim, a partir da definição desses conceitos, o sétimo capítulo, cunhado de “*We Must Stop the Progress of Marronnage*”: *Repertoires and Repression*, explora, de maneira muito inteligente, o potencial de adaptação das comunidades *maroon* como importante motivo de união entre os integrantes desses grupos, tendo como referência a perspicaz maneira pela qual elas reagiam a quaisquer adversidades, fossem elas ocasionadas por fatores econômicos, políticos, sociais ou naturais.

Entre tantos contratempos possíveis, a repressão policial comandada pela chamada *maréchaussée* (corpo de soldados do exército francês encarregado do policiamento militar), que exerce nesse contexto uma função de defesa do sistema *plantation* de produção agrícola, surge como uma das principais ameaças para a presença *maroon* na colônia. Eddins reflete, a partir dessa relação, sobre até que ponto as forças armadas eram capazes de reprimir tais assentamentos independentes, deixando claro a complexibilidade do embate que, com o passar do tempo, tornava-se cada vez mais difícil. Portanto, tendo em vista esse fenômeno, a autora reafirma que o crescimento da força da *marronnage* progredia paralelamente à construção de teia de relações sociais entre fugitivos africanos e crioulos, atribuindo ao processo como um todo um funcionamento retroalimentar.

² Tradução própria. No original: “Shared consciousness requires both comprehension of injustices and inequalities within a material context, and having common interests with others who share positionality”.

Finalmente, o capítulo que encerra o livro trata dos anos que precedem a Revolução Haitiana, tendo como objetivo ambientar esse cenário pré-revolucionário a partir dos padrões que estavam estabelecendo-se desde o início da narrativa (no período final do século XVIII). Como comprovação dessa intencionalidade por parte de Eddins, identificam-se inúmeras evidências que atestam o movimento de retomada inato ao objetivo do capítulo, como por exemplo: “Como defendi no primeiro capítulo, a consciência coletiva das pessoas escravizadas emergiu das suas experiências como vítimas do tráfico transatlântico de escravos e sobreviventes da passagem do meio”³ (EDDINS, 2021, p. 278). Nesse sentido, a escolha da autora por finalizar o debate retomando brevemente os tópicos principais da discussão e, assim, relacioná-los ao seu fim último é muito eficaz, pois estabelece uma perfeita circularidade entre a origem de sua tese e a efetiva conquista da soberania haitiana.

Dessarte, pode-se dizer que o enfoque bem escolhido para o arremate do livro coroa um projeto que, desde o momento em que foi concebido, apresenta da maneira mais límpida possível seus objetivos. Em vista disso, a relativa repetição perceptível no processo argumentativo da obra, antes vista como um estorvo para a fluidez textual, pode ser entendida no final da leitura como um recurso fundamental para a defesa de uma tese extremamente objetiva e bem determinada. A disposição avassaladora de arquivos com um objetivo em comum, fruto de uma rica investigação, intensifica o impacto da conclusão ao ponto de se tornar involuntário o processo de rememoração de todas essas ideias.

Em suma, mesmo para aqueles que são partidários de uma relação causal direta entre a Revolução Francesa e a Revolução Haitiana, contestando o papel central das massas escravizadas proposto pela autora, a importância do seu trabalho para a descolonização do conhecimento sobre o tema é indiscutível. A aproximação da discussão com os tempos atuais é escolhida como tema do último parágrafo da obra e, a partir dele, o texto atesta a atemporalidade da luta que a população negra trava até hoje pela garantia dos próprios direitos. Desde a beleza das práticas ritualísticas até a construção de

³ Tradução própria. No original: “As I argued in chapter one, enslaved people’s collective consciousness emerged from their experiences as victims of the transatlantic slave trade and survivors of the middle passage”.

ambientes de refúgio, Eddins (2021) constrói, em *Rituals, Runaways, and the Haitian Revolution*, uma narrativa multifacetada que reflete e expõe as estratégias de resistência à repressão que, em um contexto global dominado pelo capitalismo racial, não poderiam ser mais atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

EDDINS, Crystal Nicole. **Rituals, Runaways, and the Haitian Revolution**: Collective Action in the African Diaspora. New York, Cambridge University Press. 2021:i-i.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo, Boitempo. 2010.

BAY, Edna G. The Kojito or Queen Mother of Precolonial Dahomey: Towards an Institutional History. In: KAPLAN, Flora E.S. (ed.). **Queens, Queen Mothers, Priestesses, and Power**: Case Studies in African Gender. New York, New York: New York Academy of Sciences. 1997.

FICK, Carolyn E. **The Making of Haiti**: The Saint Domingue Revolution from Below. Knoxville, Univ. of Tennessee Press. 1990.

FOUCHARD, Jean. **The Haitian Maroons**: Liberty or Death. Ann Arbor, University of Michigan. E. W. Blyden Press. 1981.